



APRENDIZAGENS
PELA PESQUISA
NO COTIDIANO
DA ESCOLA



QUANDO O COTIDIANO VIRA PESQUISA

Dayse Gabrielle Sales Ramires¹
Luana Maria Moura de Oliveira Wingert²

O presente trabalho é fruto das reflexões e relançamento projetual semanais das professoras Dayse e Luana, da turma de Faixa Etária 2AB da EMEI Chapeuzinho Vermelho. Tais reflexões direcionaram o foco das professoras para a pesquisa do cotidiano e, assim, nasceu o projeto “*Quando o cotidiano vira pesquisa*” com a intenção de escutar as crianças em todas as suas linguagens, suas necessidades, interesses, garantindo a elas os direitos de aprendizagem durante seu percurso na jornada escolar. As leituras e estudos do Caderno 2 da RME de Novo Hamburgo (NOVO HAMBURGO, 2020), no que tange a vida cotidiana como fio condutor, e também o livro *O pulsar do cotidiano de uma escola da infância* (BARDANCA, 2020) deram segurança para vivenciar e conhecer o caminho que estava sendo trilhado pelas professoras e crianças em sala. Ao observar as demandas das crianças, percebeu-se nelas o desejo de participarem ativamente de pequenas coisas relacionadas à alimentação, à organização de seus pertences e da sala. Isso gerou muitos momentos de investigações, elas queriam saber, por exemplo, como faziam para abrir e fechar suas mochilas. O objetivo principal surge a fim de proporcionar um ambiente seguro e incentivar que as crianças possam identificar-se e sentir-se pertencentes a ele, para realizarem suas atividades e pesquisas com autonomia, respeitando os diferentes tempos e dando a elas o suporte necessário.

As crianças aprendem pela vida cotidiana, isso significa que essas aprendizagens se desenvolvem na medida em que elas vivem e participam de práticas sociais e culturais com o corpo e pelo corpo. Ou seja, quando suas especificidades são consideradas e quando, dentro de suas possibilidades, participam das situações no contexto da escola, dos momentos de alimentação, de descanso e sono, de higiene em rotinas organizadas pelos adultos que,

¹ Licenciada em Pedagogia. Professora da Rede Municipal de Ensino, na EMEI Chapeuzinho Vermelho. E-mail: dayseramires@edu.nh.rs.gov.br

² Licenciada em História e Pedagogia, Pós-graduada em Psicologia da Educação. Professora da Rede Municipal de Ensino, na EMEI Chapeuzinho Vermelho. E-mail: luanamoura@edu.nh.rs.gov.br



APRENDIZAGENS
PELA PESQUISA
NO COTIDIANO
DA ESCOLA



mesmo nas repetições da vida cotidiana, respeitam o interesse singular e curioso das crianças. (NOVO HAMBURGO, 2020, p.24)

O trecho acima, retirado do Caderno 2 Educação Infantil da RME/NH, embasa a prática pedagógica desenvolvida na turma FE2AB, no ano de 2022, logo que a ênfase é dar conta das especificidades de cada criança, respeitando seus tempos, ouvindo sobre aquilo que elas estão a pesquisar. Há, nesse contexto, uma preocupação muito séria, pois, ao respeitar esses tempos, ao ouvir as crianças e suas demandas, depara-se com uma importante reflexão: "Educamos para escola ou para a vida?" (BARDANCA, 2020, p. 41). Ao entender que é para a vida que educa-se, não se pode deixar de olhar para a realidade vivida na escola e perceber as necessidades das crianças. Assim como compreender a relação delas com o espaço e com o(s) outros(s), reconhecendo-se como partícipe de suas próprias ações. Logo,

[...] Dar voz aos alunos, valorizando o que eles trazem como contribuição, sugerindo novas possibilidades ou novos roteiros. [...]
Queremos voltar a Malaguzzi, porque ele detestava o que chamava de "pedagogia profética", aquela na qual tudo é programado de antemão, a que pressupõe uma consequência para cada ação, a que não abriga nenhuma incerteza, a que dá receitas minuto a minuto. Ele costumava dizer que era algo tão tosco, tão covarde e tão humilhante para a inteligência dos professores quanto para as crianças. Conosco, também acontece isso; somos mais partidárias de viver acolhendo o que cada momento nos oferece. Isso, para algumas pessoas, poderia, inclusive, parecer improvisação didática. Ou, pode-se dizer, versatilidade, bagagem de recursos, conhecimento, raciocínio e capacidade de resposta rápidos; isto é o que se espera de um professor que vá além de ser um mero aplicador de fórmulas prontas. (BARBANCA, 2020, p.42)

Compreende-se que a linha entre o imprevisto e essa versatilidade, como apontam as autoras, é muito tênue. Procura-se, na prática diária, dar conta de possíveis imprevistos, tornando efetivamente o planejamento flexível, observando cada momento e modificando a ação docente, o espaço da sala e o foco do planejamento semanal, quando necessário. A partir das entrevistas com as famílias, evidenciou-se que as crianças da FE2AB nasceram em meio à pandemia e que para a maioria seria o primeiro contato com a escola. Desse modo, percebe-se que a relação com seus pares e o exercer a autonomia, em diversos momentos, tornou-se um desafio, pois passaram os primeiros anos de vida dentro de casa, muitas em frente às telas, sem usufruir de espaços ao ar livre e ter um convívio social com outras pessoas fora no seu núcleo familiar. Pensando em acolher essa demanda e garantir os Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento na Educação Infantil, foram criadas algumas estratégias. Pode-se citar a chegada pela manhã, as



APRENDIZAGENS
PELA PESQUISA
NO COTIDIANO
DA ESCOLA



crianças deparam-se com um convite brincante, planejado e organizado a partir das observações realizadas anteriormente, de forma a possibilitar as interações e o brincar. Essa proposta tem o objetivo de desenvolver o sentimento de segurança e pertencimento quanto ao grupo, aos materiais e espaços. À medida que a brincadeira vai se esgotando, um novo convite é feito, desta vez para que cada criança auxilie na organização do material então ofertado. Nas observações realizadas foi-se notando que cada criança se envolveu com os outros e com os espaços em tempos diferentes, portanto houve a preocupação em dar segurança afetiva para que todos reconhecessem a escola como um lugar bom de estar e conviver. Diante disso, foi imprescindível respeitar o tempo e a singularidade de cada um, os que demoravam mais para brincar pela manhã, ou não gostavam de interação com os outros, os que necessitavam de um colo, um abraço e até mesmo deitar-se um pouco, pois vinham com muito sono e por isso não interagiam. Dentro dessa perspectiva, os momentos de alimentação e descanso também necessitaram de extrema atenção, buscando que a mesma segurança que estava sendo construída em sala fosse estendida aos momentos de microtransições. No refeitório, investiu-se tempo para que as crianças pudessem sentar-se e alimentar-se, conversando com as professoras e com seus colegas. Em um movimento da escola, a partir da necessidade das crianças, surgiu a proposta de que os momentos de lanches e almoço fossem qualificados para que as crianças pudessem servir-se de alguns alimentos (seguindo as orientações dos protocolos sanitários), tendo ao centro da mesa bandejas, pegadores, espátulas e pequenas jarras para servir seus copos. As professoras foram permitindo e confiando o manuseio desses objetos às crianças e, rapidamente, o lanche se tornou pesquisa e elas começaram a se alimentar melhor, aceitando provar diversos sabores. Conforme iam se sentindo seguras nesse espaço, os resultados passaram a ser percebidos na sala. Começou-se a ver o reflexo de pequenas atitudes de pesquisa e de apropriação, como aqueles que já designaram seu lugar no dormitório, tentativas de retirar o calçado e depois de colocar, de ser responsável e solicitar às professoras para levar seu lenço umedecido e fralda até o banheiro para a troca, de guardarem seu travesseiro e edredom no seu saco. Pequenas atitudes, iniciadas pelas crianças, que serviram para que as professoras oportunizassem tempo necessário para que fossem cumpridas, observando o processo, dando dicas e vibrando com cada conquista. Consequentemente, isso virou pesquisa na turma, pois as crianças traziam tanto essas



APRENDIZAGENS
PELA PESQUISA
NO COTIDIANO
DA ESCOLA



demandas que foi permitido que essas ações fossem repetidas diariamente. Os resultados deste trabalho estão sendo colhidos diariamente. Como ele continua sendo executado, sabe-se que novos dados surgirão ao longo desse processo de investigação. É possível ver as crianças já calçando seus sapatos, guardando seus objetos, sentindo-se seguras nos espaços, levando seus utensílios ao passa-prato e até raspando o resto de comida. Percebe-se que alguns já fazem uso de garfo e faca, realizando tentativas de cortar os alimentos. Em consequência disso, foi recebido retorno de algumas famílias referente às conquistas que estavam refletindo em casa. As crianças estavam guardando seus brinquedos, levando seus utensílios até a pia, pedindo para se servirem no almoço, não aceitando mais pratos de plástico, pois na escola usam de vidro. Um dos próximos passos a ser realizado será chamar as famílias para que se possa registrar essas devolutivas em nosso trabalho. Percebe-se que o desenvolvimento das crianças precisa ser comunicado às famílias mais vezes durante o ano e não apenas em encerramentos de semestre para que eles possam ser parceiros, reconhecendo o trabalho da escola e valorizando cada conquista alcançada nesse espaço educativo.

REFERÊNCIAS

BARDANCA, Ángelles Abelleira. **O pulsar do cotidiano de uma escola da infância** / Ángelles Abelleira Bardanca, Isabel Abelleira Bardanca; trad. Goal Translations (Firma). - 1. ed. - São Paulo: Phorte, 2020.

NOVO HAMBURGO. Secretaria Municipal de Educação. **Organização da Ação Pedagógica**: Educação Infantil. Documento Orientador. Caderno 2. Novo Hamburgo: SMED, 2020.